



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**KELLY CRISTINA CABRAL BARBIERI
LUIZA GASPARETTO MOSENA**

**A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE
4 E 5 ANOS**

CHAPECÓ, 2018.

KELLY CRISTINA CABRAL BARBIERI
LUIZA GASPARETTO MOSENA

**A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE
4 E 5 ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Solange Maria Alves

CHAPECÓ

2018

KELLY CRISTINA CABRAL BARBIERI
LUIZA GASPARETTO MOSENA

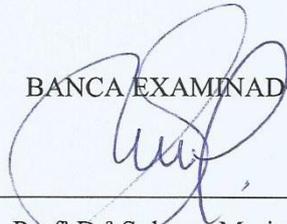
**A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE
4 E 5 ANOS: UM ESTUDO SOBRE A BNCC, AS DCNEIS E A TEORIA
HISTÓRICO-CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia
da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em:

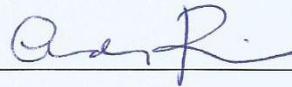
18/06/18

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Solange Maria Alves

Profª. Orientadora



Profª Andrea Simões Rivero

Avaliador/a



Angela Zamoner

Avaliador/a

A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS: UM ESTUDO SOBRE A BNCC, AS DCNEIS E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Kelly Cristina Cabral Barbieri*

Luiza Gasparetto Mosena*

Resumo

A reflexão contida neste texto é resultado de investigação sobre os usos da linguagem escrita com crianças de 4 e 5 anos, no âmbito da educação infantil. É também uma síntese provisória de conclusões construídas para fins de cumprimento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, cuja origem primeira foram algumas problematizações construídas durante a realização do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, em torno do tema da linguagem escrita com crianças. O cotejamento das observações do contexto institucional com os documentos oficiais e o aprofundamento teórico, deu origem ao problema que nos orientou neste percurso: como está sendo tratada a linguagem escrita com essas crianças nas instituições de Educação Infantil,. A busca de possíveis respostas ancorou-se metodologicamente pela análise de conteúdo de Moraes (1999), sobre os documentos oficiais que orientam a educação infantil: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs e Base Nacional Comum Curricular - BNCC. E, teoricamente pela mediação da teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano de Vigotski e colaboradores. Os resultados iniciais sinalizam para uma pouca divergência de concepção do objeto entre os documentos e para algumas aproximações quando cotejadas com a teoria que suporta a análise. Em termos conclusivos podemos inferir que a criança como sujeito cultural, que tem contato com a cultura escrita desde que nasce, deve sim reafirmar esse contato na Educação Infantil. Porém o cuidado do trato da linguagem escrita com as crianças da pré-escola precisa de muita clareza teórica por parte do professor.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano e Educação Infantil. Linguagem Escrita em crianças de 4 - 5 anos. Teoria Histórico-Cultural. BNCC. DCNEIs.

INTRODUÇÃO

A temática discutida no presente artigo teve origem nas vivências e experiências ocorridas no processo de estágio supervisionado em educação infantil, realizado entre os meses de Setembro e Novembro de 2017. No período referido, identificamos algumas práticas relacionadas ao trabalho com a linguagem escrita com as crianças de 4 e 5 anos

* Acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul. Campus Chapecó.
Contato: barbieri.kcc@gmail.com

* Acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul. Campus Chapecó.
Contato: luiza_mosena@hotmail.com

que nos chamaram atenção. A linguagem escrita na educação infantil ainda é vista como um desafio. Observa-se defesas de que não deve ser trabalhada na educação infantil, por um lado e, por outro, há defesas de que a educação infantil é uma preparação para a escrita.

Nos parâmetros teóricos que nos baseamos para estudar a escrita com as crianças de 4 - 5 anos, a mesma é apresentada como uma linguagem e assim cumpre papel fundamental no desenvolvimento humano. A partir disso, e do cotejamento com as observações do estágio curricular em educação infantil, iniciamos um processo de problematização e de construção de um objeto de estudos marcado por indagações como: como é trabalhada a linguagem escrita com crianças de 4 e 5 anos? o que vimos no estágio é suficiente? É correto? quais os limites e possibilidades do ensino da escrita com crianças que ainda estão na educação infantil? Como se caracteriza o ensino da língua escrita na educação infantil? Essas questões orientaram todo o processo inicial do estudo que, além de aprofundar leituras em autores como Vigotski¹ (2001), Facci (2004), Kramer (2006), Mello e Bissoli (2015), entre outros, procurou, dentro dos limites temporais de um TCC, ter como material empírico, diários de bordo do PIBID- educação infantil. Essa escolha se deveu ao fato de considerarmos o PIBID um espaço único de aprendizado da docência com a infância e por considerar que, de algum modo, encontraríamos nos registros, dados que nos ajudassem a caracterizar o uso da linguagem escrita com crianças de 4 e 5 anos. O que não se mostrou viável na medida em que percebemos que os dados que precisávamos não seriam encontrados e isso resultaria numa dificuldade de responder ao nosso problema de estudo. Seria necessário rever o campo empírico de nossa pesquisa.

Contribuíram para isso, também, as considerações feitas no Seminário de Qualificação do TCC, que trouxeram a necessidade de avaliarmos mais dados além dos que tivemos acesso em nosso estágio. Analisamos os dados que tínhamos e percebemos que pelo nosso estágio teríamos a visão de apenas uma sala de aula da educação infantil na faixa etária que estamos estudando. Feita essa avaliação, tomamos a decisão de

¹ Várias têm sido as formas da grafia para o nome desse autor, a partir da transliteração do alfabeto russo, dependendo do lugar e das formas linguísticas adotadas. É o caso da grafia Vygotsky, bastante utilizada nas traduções estadunidenses e inglesas. Por sua vez, nas edições espanholas tem prevalecido a grafia Vygostki; na Alemanha, Wygotski. Contudo, em obras do campo da psicologia, publicadas pela editora estatal soviética dos idos vividos por esse autor – a Editora Progresso, de Moscou -, traduzidas diretamente para o espanhol, bem como em edições recentes publicadas no Brasil, verifica-se a adoção da grafia Vigotski. Assim, preservadas as grafias adotadas pelo referencial consultado para esse estudo, esta última se define como opção gráfica para o texto e o conteúdo em questão. (ALVES, 2012, p. 18).

mudar de direção e buscar a empiria necessária ao nosso objeto. Assim, sem mudar a base teórica e analisando o contexto educacional atual impregnado de desafios decorrentes de tanto das mudanças governamentais quanto das políticas públicas a partir da aprovação da Base Nacional Comum - BNCC, optamos por perseguir as mesmas questões acima descrita, mas, agora, no âmbito de uma análise documental que procurou compreender como a BNCC trata a linguagem escrita na educação infantil de 4 e 5 anos. A busca dos dados suscitou a necessidade de comparar a BNCC com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs.

Em termos metodológicos, optamos pela análise de conteúdo tal como proposto por Moraes (1999), considerando os cinco passos propostos pelo autor: i.) preparação das informações; ii.) Unitarização ou transformação do conteúdos em categorias; iii.) Categorização ou classificação dos conteúdos em categorias; iv.) descrição; v.) análise de dados. Com o cuidado devido e o reconhecimento dos limites que se impõe ao recorte feito para este estudo, nos desafiamos a construir uma análise sobre como se caracteriza o ensino da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos segundo os documentos da Base Nacional Comum Curricular, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, cotejando com alguns aspectos fundamentais da Teoria Histórico-Cultural.

A análise documental, seguindo as orientações da análise de conteúdo de Moraes (1999), se fez pela definição de categorias prévias que auxiliaram no direcionamento do olhar na busca de dados e no aprofundamento de estudos, formando definidas as seguintes categorias: Concepção de Criança; Concepção de Linguagem; O trabalho com crianças de 4 a 5 anos; Relação de Pensamento e Linguagem; Concepção de Aprendizagem e Desenvolvimento; Linguagem Escrita. Para fins de organização do processo de pesquisa essas categorias foram didaticamente separadas. Contudo, aqui, tendo em vista a necessidade de organização da reflexão, são apresentadas de modo integrado com ênfase na discussão sobre a linguagem escrita com crianças de 4 e 5 anos, que é o foco principal deste trabalho que se estrutura tendo como primeiro momento uma reflexão de ordem mais teórica sobre a linguagem escrita no âmbito da teoria histórico-cultural e, em seguida, procura evidenciar nos documentos alguns elementos que permitam aproximar de possíveis respostas à questão orientadora do estudo.

Desenvolvimento da Linguagem Escrita na Abordagem Histórico-Cultural

A teoria Histórico-Cultural é oriunda de estudos feitos por Lev Semionovich Vigotski (1896 - 1934) e seus colaboradores, especialmente, Alexander Luria, Alexei Leontiev. O objetivo de Vigotski era o de estudar as funções psicológicas que explicam o comportamento dos seres humanos, chamadas de funções psicológicas superiores. Nessa linha de pensamento ele publicou vários estudos voltados ao desenvolvimento da linguagem e do pensamento nos humanos. Como nosso estudo é voltado para o desenvolvimento da linguagem escrita em crianças entre 4 e 5 anos, o foco de nosso estudo aqui, persegue a compreensão do pensamento desse autor referente ao desenvolvimento da linguagem na faixa etária que estamos analisando.

Para este pensador, em sendo o Humano um processo sócio-histórico, ou seja, fruto de um processo social, resulta que não nascemos humanos e sim, nos tornamos humanos por meio de apropriações que fizemos dos bens materiais e simbólicos disponíveis na cultura. Para ele, o Humano em nós, é resultado do encontro da Natureza que é o que trazemos conosco ao nascimento, com a Cultura que é produto do trabalho humano, dos modos de relações sociais instituídos por outros seres humanos e que compõem a sociedade em toda a sua complexidade. E, a Linguagem é, neste processo, elemento fundamental de desenvolvimento do humano em cada indivíduo, visto que, sublinha o autor, ela carrega o conjunto de funções simbólicas de cuja apropriação depende a participação do gênero humano.

Assim, não nascemos falando. Nascemos com as condições biológicas dadas para a fala, mas, falar requer que nos apropriemos de algumas capacidades que Facci (2004), com base em Elkonin, Leontiev e Vigotski, elucida ao explicitar os estágios do desenvolvimento humano. Elkonin (1987), sublinha Facci (2004), afirma que “[...] os principais estágios de desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam são: comunicação emocional do bebê; atividade objetal manipulatória; jogo de papéis; atividade de estudo; comunicação íntima pessoal; e atividade profissional/estudo.” (FACCI, 2004, p. 67). Cada uma dessas etapas se caracteriza por relações, jeitos próprios de comunicação com o ambiente social que, Elkonin e Leontiev nominam de atividade principal. Ou seja, há uma atividade que desempenha função principal, que caracteriza, marca, o jeito de a criança se relacionar com o mundo em cada momento de seu desenvolvimento.

A criança de 4 e 5 anos, etapa da qual nos ocupamos neste estudo, encontra-se, de acordo com a teoria histórico-cultural, na etapa marcada pelo jogo de papéis. Aqui, a atividade principal é o jogo ou a brincadeira. Nesse estágio as crianças começam a se apossar dos objetos e das ações humanas, brincam “imitando” os adultos. Nesse período as crianças já utilizam a linguagem para se comunicar nas duas esferas que marcam suas vidas: as de caráter mais próximo ou relações que tem em casa e as de contexto mais amplo ou relações que tem na sociedade.

A linguagem, de diferentes modos, cumpre papel fundamental em todas as etapas do desenvolvimento humano. É, para esta concepção, a principal função superior de pensamento. Outro elemento importante a ser destacado no âmbito desta teoria, é a importância da escola como tempo-espço de humanização. Tão importante que é considerada etapa de desenvolvimento, como se pode verificar nas etapas pré-escolar e escolar com atividades principais diferenciadas. Daí a importância também de compreendermos a linguagem e a educação de crianças de 4 e 5 anos como fatores de desenvolvimento, nas crianças, do gênero humano, que constitui o nosso recorte aqui.

Para Vigotski, o domínio da escrita não deve ser compreendido como um ato mecânico de desenhar letras como se tem visto, de modo geral, na prática pedagógica escolar. Ao contrário, a linguagem escrita pertence ao desenvolvimento cultural da humanidade e, portanto, está relacionado com a apropriação e domínio de meios ou instrumentos psíquicos tipicamente humanos. Nas palavras do autor,

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal. (VIGOTSKI, 1991, p.71)

Impõe-se assim, como tarefa central dos processos pedagógicos escolares com a infância, a compreensão da língua escrita como função de desenvolvimento tipicamente humano. A língua escrita, insinua os pensadores da teoria histórico-cultural, tem uma história que começa com o **desenho do gesto**, como signo visual inicial que contém, por assim dizer, a futura escrita da criança. De acordo com Vigotski (1991, p. 71)

Em experimentos realizados para estudar o ato de desenhar, observamos que, freqüentemente, as crianças usam a dramatização, demonstrando por gestos o que elas deveriam mostrar nos desenhos; os traços constituem somente um suplemento a essa representação gestual.

O que vai demonstrando como a língua escrita vai se estruturando pelo movimento de apropriação cultural que a criança realiza.

No processo histórico de desenvolvimento da língua escrita, outro momento fundamental é do desenvolvimento do **simbolismo no brinquedo** presente, especialmente, na etapa do jogo simbólico ou da brincadeira e sobre o qual dedicamos aqui maior atenção em face da referência à educação infantil de crianças entre 4 e 5 anos. Para a criança,

[...] alguns objetos podem, de pronto, denotar outros, substituindo-os e tornando-se seus signos; não é importante o grau de similaridade entre a coisa com que se brinca e o objeto denotado. O mais importante é a utilização de alguns objetos como brinquedos e a possibilidade de executar, com eles, um gesto representativo. Essa é a chave para toda a função simbólica do brinquedo das crianças. Uma trouxa de roupas ou um pedaço de madeira torna-se, num jogo, um bebê, porque os mesmos gestos que representam o segurar uma criança ou o dar-lhe de mamar podem ser aplicados a eles. próprio movimento da criança, seus próprios gestos, é que atribuem a função de signo ao objeto e lhe dão significado. Toda atividade representativa simbólica é plena desses gestos indicativos: por exemplo, para a criança, um cabo de vassoura transforma-se num cavalo de pau porque ele pode ser colocado entre as pernas, podendo a criança empregar um gesto que comunica o fato de, neste exemplo, o cabo de vassoura designar um cavalo. (VIGOTSKI, 1991, 74)

Por isso, o brinquedo simbólico – jogo de papéis sociais -, pode ser entendido como “[...] um sistema muito complexo de ‘fala’ através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar.” (p.74)

Na mesma esteira, **o simbolismo no desenho** é um elemento a ser considerado no trato pedagógico com crianças na fase pré-escolar, sob do domínio da brincadeira como atividade principal. As crianças começam a desenhar quando a linguagem falada já está em um estágio mais avançado, porém inicialmente ela faz seus desenhos, mas ainda não tem maturidade suficiente para entender que está representando algum objeto e não fazendo o objeto em si. Através das brincadeiras de faz de conta e do próprio ato de desenhar vai entendendo a representação simbólica do desenho. Para Vigotski, o desenho é

[...] uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos. Esses fatos nos fornecem os elementos para passarmos a interpretar o desenho das crianças como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita. (VIGOTSKI, 1991, p. 75)

Conforme dito acima, o desenho é o início da aquisição da linguagem escrita pela criança e como tal merece rigorosa atenção. A representação de alguma frase através de um desenho pela criança reivindica a função do desenho como linguagem escrita na pré-escola, a criança precisa imaginar e inventar suas maneiras de representação das coisas, questão que é essencial no desenvolvimento da linguagem escrita na idade aqui estudada.

Por fim, o **simbolismo na escrita**, que se refere, no processo histórico de desenvolvimento da linguagem escrita, aparece quando a criança consegue diferenciar o desenho do objeto em si e, posteriormente, consegue desenhar as letras/palavras. Segundo Vigotski (1991) quando a criança sabe desenhar as letras ela já domina a linguagem escrita só lhe faltam subsídios para aprimorar o uso dela. O primeiro estágio que demonstra que a criança está se apropriando da linguagem escrita, segundo Vigotski é chamado de mnemotécnico. Segundo isso,

Acreditamos estar certos ao considerar esse estágio mnemotécnico como o primeiro precursor da futura escrita. Gradualmente, as crianças transformam esses traços indiferenciados. Simples sinais indicativos e traços e rabiscos simbolizadores são substituídos por pequenas figuras e desenhos, e estes, por sua vez, são substituídos pelos signos. (VIGOTSKI, 1991, p. 77)

O estágio mnemônico significa que a criança irá olhar para seus desenhos/registros e saberá o significado do que representou, é como um auxiliar na memória. Portanto isso demonstra as primeiras manifestações da função social da escrita nas crianças.

Os elementos brevemente colocados acima oferecem suporte para compreender que, no âmbito da educação infantil de crianças de 4 e 5 anos, não só é possível como é desejável a intervenção pedagógica voltada ao desenvolvimento de funções superiores de pensamento, entre elas, a linguagem e a linguagem escrita. Claro está, no entanto, que não se trata de impor à criança o mero desenho mecânico de letras. Trata-se antes de fazer uso da atividade principal da criança nesta etapa – jogo ou brincadeira – como via pela qual a criança se apropria da linguagem escrita. Em sendo o jogo ou a brincadeira de papéis sociais, uma arena rica de material simbólico, cabe à instituição educacional, a tarefa de fazer disso substrato de desenvolvimento humano, ou, substrato de apropriação e desenvolvimento da escrita.

E, o que dizem os documentos oficiais que orientam a política de educação infantil sobre a linguagem escrita? Caminham eles para a mesma direção sinalizada pela teoria histórico-cultural? É o que pretendemos trazer na próxima sessão deste texto.

A escrita e a linguagem nos documentos orientadores

Como sinalizado anteriormente, este estudo se ocupa de verificar o tratamento dado à linguagem escrita no âmbito da educação de crianças de 4 e 5 anos. Para o cumprimento desta tarefa, realizamos uma análise de dois documentos orientadores: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tal escolha justifica-se por serem: as primeiras, a política orientadora desde 2009; a segunda por ser um documento recente que, em que pese as contradições que carrega, passa a orientar a política educacional a partir de agora. Assim, a busca pela resposta ao problema que almejamos aqui, se efetiva por um exercício inicial e, seguramente, ainda incipiente, mas importante, de cotejar os documentos em tela com os fundamentos da teoria histórico-cultural, nosso aporte teórico principal. Esse cruzamento de dados possibilitou a organização de categorias de análise que nos ajudam agora a tecer considerações sobre o objeto de estudo. São elas: Concepção de Criança; Concepção de Linguagem; O trabalho com crianças de 4 a 5 anos; Relação de Pensamento e Linguagem; Concepção de Aprendizagem e Desenvolvimento; Linguagem Escrita. A seguir, procuramos explicitar e refletir sobre os achados em torno dessas categorias de modo articulado, uma vez que, a separação entre as mesmas se mostrou um exercício difícil tendo em vista que na análise de uma encontram-se todas.

Por muito tempo, e ainda hoje, vigora em grande medida, a visão de que às instituições de educação infantil são espaços de cuidado com as crianças, secundarizando assim a função educacional dos mesmos. A partir de 1996 com a LDB que inclui a educação infantil nas etapas da educação básica e com a Emenda Constitucional de 2009 que tornou obrigatória a matrícula de crianças com mais de 4 anos nas instituições essa visão começa a mudar. A educação infantil agora é um espaço que deve sempre transparecer a relação entre as concepções de cuidar e educar. Esse olhar, resguardadas as diferenças e contradições inerentes aos processos, permeia os documentos em análise.

Um primeiro olhar sobre esses dois documentos, permite inferir que, em linhas gerais, não houve grandes alterações. A BNCC ampliou alguns aspectos que ainda estavam fragilizados nas DCNEIs, definiu melhor as etapas do conhecimento e o que cada criança precisa dar conta em cada faixa etária, sublinhando que cada criança aprende em seu tempo específico e que não é uma regra estar ou não dentro do previsto.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC), em certa medida, respondem a uma necessidade de revisão das concepções presentes na educação de crianças pequenas que é percebida desde a Constituição de 1988, quando o atendimento a essa faixa etária foi conquistado. A participação dos movimentos sociais, movimentos das mulheres, movimentos dos trabalhadores, lutas dos professores e outros movimentos ocorridos tiveram um grande impacto para a concretização desse direito. De acordo com as DCNEIs, a principal função dos profissionais que trabalham nesses locais é de cuidar e educar simultaneamente e o órgão responsável por garantir uma escolarização de qualidade para todos é o Estado, sem diferenciar as crianças, como classe social, raça, etc. O documento busca orientar as propostas pedagógicas, a organização, as formas de avaliação, desenvolvimento e articulação nas instituições. Ele trata especificamente de métodos para trabalhar com crianças de 0 a 3 anos e práticas pedagógicas que deem seguimento ao ensino e aprendizagem de crianças de 4 e 5 anos, sem adiantar conteúdos dos anos seguintes.

Em Abril de 2017 o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou a última versão da Base Nacional Comum Curricular. A BNCC trouxe para a educação no Brasil uma proposta que oferece níveis de aprendizagem que, de acordo com o texto da mesma, podem ser comparados aos mais altos que temos no mundo. Apresenta-se como um documento que orienta qualquer instituição de ensino, pública ou particular, a ter uma prática acolhedora, que é a favor da igualdade entre as pessoas e que esteja preocupada com o desenvolvimento integral dos educandos.

As Categorias de Análise e a linguagem escrita nos documentos

Em ambos os documentos é fácil observar que a criança é concebida como um sujeito ativo, constituída pela mediação das relações sociais e culturais. Nas DCNEIs, encontramos a seguinte colocação que corrobora com nossa análise:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva,

brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p.18).

O mesmo ocorre com a BNCC ao referir à criança com os mesmos conceitos tratados nas DCNEIs, o documento traz essa mesma citação exposta acima. No decorrer dos escritos desse documento, abordam alguns direitos que as crianças que estão nas instituições de educação infantil são asseguradas, sendo estes a convivência, brincar, participar, explorar, se expressar e conhecimentos pessoais. Dessa forma considerando uma concepção de criança que:

[...] observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL, 2017, p.36).

Nesta mesma direção, os documentos sinalizam para uma criança que se faz humana pelos aprendizados que realiza. O que indica que, na relação aprendizagem e desenvolvimento, ambos os documentos apostam que quanto mais aprendizagens maiores as possibilidades de desenvolvimento. A BNCC evidencia que existem diversas aprendizagens e desenvolvimentos no campo da educação infantil que necessitam propiciar para as crianças, por exemplo: o seu comportamento, as várias habilidades e vivências que possibilitem conhecimentos, mas nunca esquecendo que as atividades propostas precisam partir da interação e da brincadeira, que são os eixos estruturantes. Seguindo na mesma linha de pensamento as DCNEIs definem algumas práticas pedagógicas que orientam o trabalho com as crianças, entre elas está a capacidade de desenvolver aprendizagens que envolvam as diversas linguagens, autonomia, os cuidados/higiene pessoal, organização, cuidado com a saúde, outros. Isso fica mais evidente nos excertos a seguir:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2009, p. 18)

A BNCC enfatiza algumas experiências e conhecimentos que as crianças precisam possuir, como se conhecer e conhecer o outro, conviver com a natureza, diferentes culturas e práticas científicas, portanto:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. (BRASIL, 2017, p.42)

Essa concepção de criança se aproxima muito com o que traz a teoria Histórico-Cultural de Vigotski. Para ele as crianças se desenvolvem nas relações e interações que fazem e nessas relações produzem cultura, sendo um ser histórico-cultural. Desse modo o desenvolvimento da criança sofre alterações pela mediação da cultura com a qual dialoga. Nesse sentido, Maria Souza publica um artigo que trata do conceito de criança para a Teoria Histórico-Cultural e diz que

É na perspectiva das interações humanas que a criança aprende e porque aprende pode se desenvolver. Para a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski (1896-1934) é a *aprendizagem que antecede o desenvolvimento*. Este é um primeiro princípio que norteia a Teoria Histórico-Cultural. Um segundo princípio é o de que a criança nasce com uma única capacidade, a capacidade ilimitada de aprender novas capacidades, habilidades e aptidões. (SOUZA, s.d, p. 2) (grifo no original)

Isso evidencia nossa afirmação de que o conceito de criança para a Teoria Histórico-Cultural se assemelha com o conceito apresentado nos documentos, a criança é um sujeito que desde que nasce recebe influências da cultura em que está e produz cultura. Conforme vai crescendo as interações ficam mais densas amplificando as produções, processo que está fortemente ancorado na linguagem.

Ao que se pode observar, a linguagem é elemento central para a efetivação de aprendizagens e desenvolvimentos no âmbito dos documentos em análise. Para definir quais aprendizagens e desenvolvimentos que as crianças devem estar em cada faixa etária a BNCC elaborou um quadro para os campos de experiências específicas, definindo que a creche contempla bebês (0 a 1 ano e 6 meses; crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), a pré-escola objeto de nossa investigação, abrange crianças de 4 a 5 anos e 11 meses de idade. Para essa faixa etária e tema são indicados dois campos de experiências que contemplam definições de aprendizagens e desenvolvimentos, o primeiro campo “Traços, Sons, Cores e Formas”, pressupõe que as crianças tenham a capacidade de se expressar por desenhos, colagens, pinturas, criações

de esculturas, etc. O segundo campo denominado como “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação” aborda conceitos sobre a leitura e escrita, onde engloba a leitura espontânea, o contato com os livros de literatura (identificando letras e observando desenhos), contar e recontar histórias, trabalhar com diversos gêneros textuais, elaborar hipóteses com relação à linguagem escrita e oral.

Souza (2016) defende a perspectiva histórico-cultural, dizendo que o desenvolvimento humano é constituído pelas interações sociais. Nessa perspectiva o indivíduo faz parte da cultura, o indivíduo e a cultura não se separam e com as interações possuem capacidade de transformação, sendo assim o desenvolvimento acontece com as interações sociais. Vigotski afirma que o processo de desenvolvimento não ocorre de forma linear e nem biologicamente, mas sim com rupturas, avanços, etc. Caracteriza o indivíduo como ser em constante transformação, portanto o desenvolvimento acontece em cada um de forma diferente, dinâmica e que muda frequentemente. Souza cita Vigotski referente a aprendizagem e desenvolvimento, dizendo que

[...] o processo de desenvolvimento como dependente da aprendizagem. Para Vygotsky (1991) os mecanismos de aprendizagens diferenciam e dão características humanas ao homem em relação aos outros animais. O grupo social em que está inserido, a herança cultural e a apropriação da linguagem colocam-se como fatores determinantes para o desenvolvimento humano. São esses fatores que nos tornam homens. Assim, é a partir da interação da criança com o meio social e físico que ela vai estabelecendo o reconhecimento do outro, dos objetos, do comportamento e da linguagem humana. (SOUZA, 2016, p.56).

No que se refere à concepção de linguagem, os documentos analisados não apresentam uma concepção específica. Contudo, em momentos distintos encontramos referência a essa questão. Ao falarem dos eixos norteadores para o trabalho com as crianças pequenas, a interação e a brincadeira, falam sobre a exploração de diferentes linguagens e formas de expressão como: verbal, gestual, musical, plástica, etc. Abordam também a vivência das crianças ao mundo da narrativa, interações com a linguagem oral e escrita e a valorização de diferentes gêneros textuais, tanto orais como escrito.

As diretrizes curriculares para a educação infantil abordam a necessidade de que as crianças tenham a garantia de vivenciar experiências com as mais diversas linguagens e diversos gêneros textuais, assim como na BNCC. As propostas curriculares devem prever a inserção de narrativas, apreciações e interações com a linguagem escrita e oral. Ao apresentar os direitos de aprendizagem das crianças na educação infantil traz

as diferentes linguagens como mecanismo para assegurar dois deles. O primeiro é conviver com diferentes pessoas e diferentes linguagens, o segundo é ter a possibilidade de expressar-se como sujeito por meio de diferentes linguagens.

Embora não esteja explícito, o modo como os documentos se referem à linguagem e ao seu papel no processo de desenvolvimento da criança permite inferir sobre a possibilidade de diálogo com a abordagem histórico-cultural. Esta teoria define com clareza alguns aspectos que se referem à linguagem, definindo-a como os gestos, as expressões faciais, os movimentos, a oralidade, o desenho e a apropriação da escrita. Com a linguagem o ser humano inicia um novo processo de desenvolvimento psíquico, que se diferencia dos animais, pois eles não possuem essa capacidade, tornando-as essencial na vida humana e da consciência.

Vigotski (2001) faz uma comparação da linguagem para o ser humano, para o chimpanzé e para o papagaio. O chimpanzé possui várias habilidades que nós humanos possuímos em termos de pensamento e organização, reflete que se ele tivesse o aparelho fonador que o papagaio tem possivelmente teria o que lhe falta para se comunicar como os humanos: a capacidade de imitar sons.

A linguagem é um fator essencial na construção da consciência humana, como diz AGUIAR (2006) em seu artigo que trata sobre os conceitos da linguagem na teoria Histórico-cultural, isso ocorre pelo

[...] fato de que ela penetra em todos os campos da atividade consciente do ser humano, elevando a um novo nível o desenvolvimento dos processos psíquicos. A linguagem reorganiza substancialmente os processos de percepção do mundo exterior, muda essencialmente os processos de atenção do ser humano, altera os processos de memória. (AGUIAR, 2006, p. 32)

Para Vigotski, o principal sentido da linguagem, assim como sua relação com o pensamento está no significado das palavras. A linguagem não é apenas um meio de comunicação humana, “ela é parte constitutiva do processo de humanização e transforma-se em fator decisivo no conhecimento humano.” (AGUIAR, 2006, p. 40)

De acordo com a BNCC, independente do que estamos trabalhando com as crianças, o eixo estruturante do trabalho na educação infantil deve ser sempre o que promove interações e brincadeiras entre as crianças. As interações e brincadeiras proporcionam às crianças o desenvolvimento de várias habilidades e potenciais que são fundamentais para sua integralidade. Nesse desenvolvimento as crianças criam e

aprimoram seus mecanismos linguísticos, sendo necessários para o desenvolvimento da linguagem escrita dessas crianças. Sobre isso, as DCNEIs apresentam que “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2009). É na relação que as crianças fazem com outras crianças e com os adultos que elas se desenvolvem, essas interações possibilitam aprendizagens múltiplas, desenvolvimento e socialização. Novamente aqui é possível observar o destaque para a brincadeira como atividade principal da criança, como fator de desenvolvimento humano. De acordo com os estudos de Facci (2004), baseados na teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano, um dos estágios do desenvolvimento das crianças é o *jogo ou brincadeira*. Esse estágio ocorre na idade pré-escolar e a atividade principal da criança é a da brincadeira. Ela brinca, fantasia, imagina, faz coisas que os adultos fazem e que ela ainda não pode fazer. Dessa maneira desenvolve capacidades linguísticas e psicológicas.

Na mesma direção, Mello e Bissoli (2015, p.141), pautadas pela teoria histórico-cultural, citam Vigotski (2008, p. 31) dizendo que por meio da brincadeira e do jogo “a criança opera com o significado separadamente do objeto, mas o significado é inseparável da ação com o objeto real”. Complementando essa ideia Mello e Bissoli (2015, p.140), apresentam os gestos relacionando com os signos, abordando que “é o próprio movimento da criança, seu próprio gesto, que atribui a função de signo ao objeto correspondente, o que lhe confere sentido” (VYGOTSKI, 1995b, p. 188).

Antes de desenvolver a linguagem escrita, as crianças desenvolvem outras formas de expressões, sendo por gestos, desenhos e faz de conta. Por consequência as crianças necessitam transformar essas expressões em signos, exercendo a escrita. Dessa forma Mello e Bissoli (2015) dizem que

Importante é perceber que antes de se apropriar da linguagem escrita, que é uma representação que envolve uma maior abstração, a criança exercita e desenvolve as representações pelos gestos, pelos desenhos, pelo faz de conta. E, embora cada uma dessas formas de expressão possua uma história própria, todas elas guardam entre si um elemento comum que prepara o caminho para a escrita: pouco a pouco se transformam em representações simbólicas ou signos, pois passam a ser utilizadas, pela criança, como formas de substituir os objetos reais. (p. 142)

Podemos perceber que para as autoras o gesto é a primeira expressão de que a criança está conhecendo a linguagem escrita, é uma manifestação de que a criança tem

algo a dizer ou a representar. A capacidade de abstração na criança vai sendo desenvolvida por essas manifestações que a criança tem, manifestações que ocorrem principalmente no ato de brincar das crianças.

A linguagem, pois, para a teoria em foco, assume papel central no desenvolvimento humano e, no âmbito dos documentos aqui analisados essa é uma dimensão igualmente importante, assumida como fator de desenvolvimento intelectual dos seres humanos. As habilidades cognitivas e as formas de pensar de cada pessoa não nascem com elas, a sociedade em que nascemos e as formas de linguagem que são utilizadas ao nosso redor influenciam diretamente nesses desenvolvimentos. Quando a criança nasce, o pensamento não é verbal e a linguagem não é racional. Aos dois anos de idade, aproximadamente, as linhas de desenvolvimento da linguagem e do pensamento se cruzam e a partir daí sempre se desenvolvem juntas, uma ampara a outra. A organização do pensamento racional e a linguagem verbal começam então a acontecer, sempre de acordo com o meio que está inserido. Dessa forma, a linguagem influencia diretamente o desenvolvimento do pensamento das pessoas.

A BNCC apresenta os campos de experiências para a educação infantil. Um deles englobou a linguagem escrita de forma mais direta: Escuta, fala, pensamento e imaginação, dizendo que:

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. (BRASIL, 2017, p. 40).

Vigotski (2001), ao refletir sobre a ontogênese da linguagem escrita, sublinha a categoria pré-intelectual, que contempla o papaguear, o choro e as primeiras palavras, esses são estágios de desenvolvimento da linguagem e não do pensamento. A linguagem e o pensamento se encontram quando as crianças percebem que todas as coisas possuem um nome. Nesse momento as crianças ficam curiosas para conhecer várias palavras, perguntam a cada instante “o que está escrito?” ou “o que é isso?”, eles conhecem as palavras de acordo com o que vão ouvindo e perguntam pois possuem necessidade de aprender os signos relacionando com os objetos.

A partir disso, podemos dizer que segundo a BNCC o ponto de partida para a imersão das crianças no mundo da escrita deve sempre ser o que as crianças

demonstram, as suas curiosidades e vontades sobre a escrita. É muito importante que as crianças tenham familiaridade com a escrita, para isso devem estar sempre em contato com diferentes gêneros textuais, esta é uma possibilidade de aguçar o gosto pela leitura. Lembrando que esse contato com o mundo da escrita não parte somente da escola, a criança faz contato com o mundo da escrita em várias atividades que faz diariamente.

Em muitas instituições de educação infantil ainda há o encurtamento da infância, onde muitos pedagogos preconizam os conhecimentos que seriam para o ensino fundamental, esquecendo quais são os eixos centrais que norteiam a educação com crianças pequenas, sendo estes a interação e a brincadeira, com mais ênfase na alfabetização, no qual a leitura e a escrita estão interligados. O que as creches e pré-escolas devem fazer é inserir as crianças no universo da escrita, compreendendo que ela é um sujeito histórico e capaz de interagir com o mundo.

Sabemos que a linguagem escrita é um sistema complexo e sua aquisição não é uma tarefa fácil para as crianças. Por mais que as crianças tenham o interesse de conhecer e entender essa linguagem é necessário que o professor tenha clareza do que essa linguagem significa e de como ampliar o gosto e curiosidade sobre ela nas crianças. Um dos desafios enfrentados pelos professores, é que muitos pais cobram a aprendizagem de leitura e escrita na educação infantil, por não possuírem conhecimentos acerca do assunto, cobram essa atitude dos profissionais da educação, é necessário que a escola e os profissionais que atuam nela estejam bem ancorados em uma teoria para que possam esclarecer as indagações e cobranças.

Nos campos de experiências contidos na BNCC são apresentados os objetivos para a educação infantil. Vários desses objetivos possibilitam que as crianças da educação infantil tenham contato com a linguagem escrita, seja para registrar algo por meio de suas hipóteses sobre a escrita, para expressar-se, fazer produções com função social que sejam significativas a elas.

Para Vigotski, nenhuma forma de escrita copiada ou decorada envolve o pensamento. Isso se relaciona com o que a BNCC traz sobre a escrita espontânea, a criança deve fazer suas hipóteses sobre a linguagem escrita antes de realmente saber ler e escrever. Somente assim irá articular o seu pensamento com a linguagem escrita em suas primeiras produções.

Outro ponto importante que Vigotski traz sobre o aprendizado da linguagem escrita está no conhecimento de sua função social. Conforme Mello e Bissoli (2015), Vigotski diz que a criança que sabe relacionar a letra ao seu som demora mais para aprender a linguagem escrita, o que a criança precisa saber é que escrevemos ideias e informações e não sons. Para as essas autoras a alfabetização não consiste na consciência da relação entre letra e som, mas sim na consciência da representação social que a linguagem escrita tem.

Ainda sobre os estudos de Mello e Bissoli (2015), trazemos aqui uma citação que relata como se inicia, para Vigotski, a aquisição da linguagem escrita nas crianças.

O primeiro desafio, apontado por Vygotski (1995b), para a compreensão da história da linguagem escrita da criança é perceber que esta é representada por uma linha única de desenvolvimento que começa com o gesto como primeira expressão indicativa da criança e culmina com a escrita utilizada como representação de primeira ordem, isto é, como representação não de sons, mas de ideias, de intenção de comunicação. (MELLO e BISSOLI, 2015, p. 140)

De acordo com o que colocam as autoras, podemos perceber que a criança começa entender as funções da linguagem escrita com seus primeiros gestos e vai evoluindo até chegar na linguagem escrita em si. Essa evolução passa por dois momentos cruciais segundo Vigotski. O primeiro deles é quando a criança produz suas garatujas, os traços deixados no papel produzidos por gestos querem dizer algo que a criança representou, se transformam em signos. O segundo momento que une os gestos com a linguagem escrita é a brincadeira de faz de conta da criança, que segundo Facci (2004) é a atividade principal do terceiro estágio de desenvolvimento psicológico da criança. No faz de conta um objeto pode significar outro o que se assemelha a relação das palavras aos signos, a apropriação dos signos não ocorre de forma mecânica, reiterando então que a linguagem escrita segundo Vigotski ocorre através do desenvolvimento das funções superiores, que ocorrem pelos gestos que damos significados na fase adulta.

A BNCC traz em várias partes de seu texto que devem ser oferecidos às crianças momentos em que elas possam se expressar de diversas maneiras e ao relacionar isso com a teoria Histórico-Cultural percebemos mais um ponto que elas se assemelham. Os gestos, os desenhos (garatujas) e as brincadeiras de faz de conta são utilizados pelas crianças como formas de expressão e que, mesmo que de forma inconsciente, vão aprofundando as crianças na relação entre o signo e seu significado.

Considerações Finais

Sabemos que a criança, tanto na teoria estudada como nos documentos analisados, é um sujeito produtor de cultura e como tal desde que nasce já está inserido na mesma. A escrita é um dos meios que utilizamos para produzir e nos relacionar com a cultura mais estreitamente, sendo assim sua aquisição remete ao primeiro passo de desenvolvimento cultural que a criança apresenta. Isso porque a linguagem escrita foi construída durante muito tempo e é uma construção cultural da humanidade.

Segundo um documento do MEC (Ministérios da Educação), que trata sobre a linguagem oral e escrita na educação infantil (BRASIL, 2016), a criança já está inserida na cultura escrita quando nasce, porém quando se alfabetiza ela passa pela aquisição de uma nova linguagem e seus mecanismos de contato e produções se ampliam.

A partir dos dois documentos analisados percebemos que não houve grandes alterações de um para o outro no que diz respeito a escrita na educação infantil. A criança deve sim ter o contato com a leitura e a escrita nessa faixa etária, porém a mediação do professor precisa ser muito rigorosa e atenta às crianças e suas necessidades. A curiosidade da criança e a vontade de se alfabetizar já iniciam nesta etapa da vida, o que pode se tornar uma estratégia para que o professor inicie esse processo.

Para Vigotski, quando falamos algo decorado como recitar um poema, não estamos utilizando nenhuma meio de pensamento apenas de memória. Sabemos que várias práticas com a linguagem escrita na educação infantil utilizam da cópia mecânica de letras pelas crianças sem saber o sentido do que estão escrevendo, ou copiando. Nesse sentido, os documentos apresentam as escritas espontâneas, são escritas que demonstram as hipóteses que as crianças fazem no contato com os livros, que demonstram que elas estão conhecendo a função da escrita como uma linguagem. Quando a criança está fazendo uma hipótese de como se escreve algo que ela quer anotar ela está pensando sobre isso, utilizando e trabalhando seu pensamento.

Isso se relaciona com o que a Teoria Histórico-Cultural traz sobre a aquisição da linguagem. Vigotski denomina o signo sendo um meio eficaz quando precisamos memorizar algo ou ter muita atenção, os signos são todas as linguagens, a escrita e os números, é através desses recursos que interagimos com o mundo e diferentes culturas,

tendo capacidade de agir nele e transformá-lo, além da linguagem auxiliar as crianças na resolução de problemas. A linguagem é essencial no desenvolvimento cognitivo infantil. (SOUZA, 2016, p. 62)

A linguagem possui várias funções para os seres humanos, vai além da mera comunicação, ela possibilita a afetividade, demonstra seus desejos, suas decisões, constrói novos vocabulários, reconhece objetos, entre outras. A teoria histórico-cultural vem ao encontro com os documentos analisados nessa pesquisa, dizendo que as creches precisam proporcionar espaços para que as crianças se desenvolvam em sua totalidade.

Outro aspecto que julgamos necessário apresentar em nossas considerações finais diz respeito a BNCC que traz em seu texto que as crianças da educação infantil na faixa etária que estudamos devem ter contato e levantar hipóteses acerca de diferentes gêneros textuais. Será que nessa idade, quando ainda estão ampliando seu contato com a linguagem escrita seria proveitoso a essas crianças uma diferenciação de gêneros textuais? Tememos que essa questão seja revertida em uma escolarização da educação infantil que perderia sua essência da brincadeira e da interação.

A partir de uma leitura mais atenta ao documento da BNCC, acerca da problematização que está tendo nos últimos dias percebemos que os elementos de problematização localizados neste documento precisam ainda ser transformados em objeto de estudo considerando as divergências entre a segunda versão e o documento final aqui analisado. Devido ao tempo e recorte dessa pesquisa não pudemos adentrar muito nessa questão, porém reconhecemos que esses pontos podem ser objetos de estudos de pesquisas futuras.

THE WRITTEN LANGUAGE IN CHILDREN'S EDUCATION WITH CHILDREN OF 4 AND 5 YEARS: A STUDY ON BNCC, DCNEIS AND HISTORICAL-CULTURAL THEORY

ABSTRACT

The reflection held in this text is the result of an investigation about the usage of written language on 4 and 5 years old kids, on infant education environment. It is also a provisional synthesis of conclusion built in order to fulfill the assignment called Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, which the idea and its first origins date back to some problematizations during the Supervised Internship on Infant Education, around the topic of written language and kids. The collation of the observations within the

institutional context and the official documents, plus the theoretical studying were the catalysts of the problem which guided us on this path: how is the written language with the children in the Infant Education institutions being handled. The searching of possible answers was anchored methodologically through the analysis of Moraes' (1999) content, about the official documents that guide infant education: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs e Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Theoretically, through the historic-cultural theory of the human development, from Vigotski and collaborators. The initial results signal to some divergence in conception of the object between documents and some approximations when compared to the theory which support such analysis. In conclusive terms we can infer that a kid as a cultural subject, who has contact with written culture since they were born must reaffirm the contact in Infant Education. The care with the treatment of written language on kids in pre-school, however, needs much theoretical clarity by the teacher's part.

Key-words: Human Development and Infant Education. Written Language applied on 4-5 year-old kids. Historic-Cultural Theory. BNCC. DCNEIs.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria Aparecida Lapa de. **O enfoque da linguagem na perspectiva histórico-cultural**. 2006. 21 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Unochapecó, Chapecó, 2006.
- ALVES, Solange Maria. **Freire e Vigotski: um diálogo entre a pedagogia freireana e a psicologia histórico-cultural**. Chapecó (SC): Argos, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Linguagem Oral e Linguagem escrita na Educação infantil: Práticas e interações**. 2016
- FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do Desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p.64-81, abr. 2004.
- KRAMER, Sonia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 96, p.797-818, out. 2006.
- MELLO, Suely Amaral; BISSOLI, Michelle de Freitas. Pressupostos da Teoria Histórico-Cultural para a apropriação da cultura escrita pela criança. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p.135-160, abr. 2015.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999

SOUZA, Eduardo. **A linguagem escrita na educação infantil: direito da criança, desafio do professor.** 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUZA, Maria Cecília Braz Ribeiro de. **Uma concepção de criança pensada por meio da teoria Histórico-Cultural.** Disponível em: http://www.foz.unioeste.br/~eventos/sepecel/artigos_sepecel_2009/Pedagogia/artigo_maria_cecilia.pdf Acesso em: 19 de Maio de 2018.

VIGOTSKI, Leontiev Seminovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Leontiev Seminovitch. **Pensamento e linguagem.** Copyright, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.